

## PRESENCAS CIGANAS NA FRANÇA (E OUTROS PAÍSES EUROPEUS): A ABORDAGEM POLÍTICA E A PERCEPÇÃO DO OUTRO<sup>1</sup>

Emmanuel Filhol<sup>2</sup>

**RESUMO:** A história dos ciganos na Europa remonta ao final da Idade Média. A grande diversidade de grupos familiares, sob as denominações autonímicas que eles mesmos se dão (Manouches, Roms, Sinté, Sinti, Gitans, Gypsies, Travellers, Yéniches, Voyageurs...) ou segundo os nomes mais ou menos pejorativos que lhes são atribuídos (Egípcios, Boêmios, Romanichels, Nômades) vem acompanhada de uma pluralidade de modos de estar no mundo e de práticas do espaço, entre circulações e ancoragens. Apesar do seu reconhecimento entre as populações medievais e renascentistas, a política adotada pelo poder público em relação às minorias ciganas dá testemunho das constantes medidas discriminatórias e persecutórias. Portanto, não é surpreendente que, com algumas exceções, a língua Romani, sujeita a nenhum reconhecimento oficial, na França em particular, tenha sido reduzida ao silêncio. A produção iconográfica dedicada aos ciganos revela, entretanto, uma mistura contraditória de atitudes feitas de hospitalidade e de hostilidade.

**Palavras-chave:** Silenciamento; língua cigana; tratamento político; Outro.

**RESUMÉ:** L'histoire des Tsiganes en Europe remonte à la fin du Moyen Âge. La très grande diversité des groupes familiaux, sous les désignations autonomes qu'ils se donnent (Manouches, Roms, Sinté, Sinti, Gitans, Gypsies, Travellers, Yéniches, Voyageurs...) ou selon les noms plus ou moins péjoratifs qu'on leur attribue (Égyptiens, Bohémiens, Romanichels, Nomades) s'accompagne d'une pluralité des façons d'être au monde et de pratiques de l'espace, entre circulations et ancrages. En dépit de leur valorisation auprès des populations médiévales et à la Renaissance, la politique qu'adoptent les pouvoirs publics à l'égard des minorités tsiganes témoigne par la suite de mesures constantes discriminatoires et persécutives. Rien d'étonnant alors si, à quelques exceptions près, la langue romani, objet d'une non reconnaissance officielle, en France notamment, s'est vue réduite à un silence. La production iconographique consacrée aux Tsiganes révèle malgré tout un mélange contradictoire d'attitudes faites d'hospitalité et d'hostilité.

**Mots-clé:** Silence; langue gitane, traitement politique; Autre.

---

<sup>1</sup> Tradução para o português realizada por Iago Nizolli, Stephany Barbosa e Isabella Mozzillo.

<sup>2</sup> Doutor em Ciências da informação e da comunicação (Bordeaux 3, 1987). Professor e pesquisador honorário da Universidade Bordeaux Montaigne e ex-membro do Laboratório de Ciências, Filosofia e Humanidades e do Comitê científico da revista "Estudos ciganos". Seus trabalhos de pesquisa tratam da história dos ciganos e de suas representações.

## Preâmbulo

Os mundos ciganos: uma realidade caleidoscópica. Às facetas compostas de luminosidade intermitente. Como um “enxame de vaga-lumes”.

Uma “ciência do Outro” como objeto pluridisciplinar. Dois campos de saberes particularmente apropriados: a investigação historiográfica (através do estudo de documentos arquivados e da história oral) e a análise do discurso. Diferentes contribuições que não devem ser esquecidas: domínio jurídico, antropológico, literário, história da arte, cultura erudita e popular.

A relação complexa entre o dizer e o fazer quanto às minorias ciganas ao longo da história europeia, da Modernidade ao período contemporâneo: uma gramática da hospitalidade e da hostilidade, da fascinação e do ódio.

A incrível diversidade que reveste a pertinência do termo heterônimo e genérico (designação externa) “ciganos” (Zigneure, Zingari, Cingari, Tsiganes...). Não como uma entidade homogeneizante, mas uma polifonia de visões plurais de mundo e experiências sobre as quais testemunham as sociedades ditas “ciganas”. (*Sinté* da Alemanha, *Sinti* italianos de Piemonte, *Gypsies* et *Travellers* da Grã-Bretanha, *Roms* da Europa central, balcã e oriental - *Roms kalderash, lovara, churara* - ou ainda *Roms* russos, *Yéniches* alemães e suíços vindos da Guerra dos Trinta Anos, *Kalé* ou *Gitans* catalães e andaluzes, Ciganos de Portugal...). Entidade que ecoa uma incontável variedade de espacialidades “geo-familiares”, da mobilidade local/regional à implementação de circulações mundiais. A ancoragem territorial tece laços (socioeconômicos, comunicacionais, religiosos) com uma trajetória do espaço a todo tempo reinventado, não se opondo de forma alguma ao movimento. Isso embora a maior parte dos grupos ciganos sejam sedentários (na maioria das vezes, por restrição) há vários séculos.

## A política dos poderes públicos ao olhar dos Ciganos

Até a Renascença e além dela, é o bom acolhimento que se exprime em face às “companhias de Boêmios” na França ou em outros países. Essa atitude vem tanto dos diversos grupos sociais urbanos quanto da nobreza, sobretudo. As razões disso são diversas: exotização das figuras de alteridade ligadas à descoberta do Novo Mundo; atração que suscita a mulher cigana como “profissional adivinha”; projeção imaginária e nostálgica de um Oriente mítico das Cruzadas, associada pelos nobres aos Ciganos chamados também de “Egípcios”, confundidos em favor de um fenômeno de hibridização com personagens “outras” (Turcos, Moriscos, Mussulmanos, Sarracenos...); grande importância dada à dança onde se destacam os jovens boêmios, cujo talento é buscado na corte, nos castelos e nas cidades; amor pelos cavalos, arte de viver e liberdade; representação iconográfica na tradição bíblica de “Fugas no Egito”, na qual a própria Virgem aparece em “trajes de Cigana”, etc.

Mas a partir da segunda metade do século XVII, o destino da difusa “nação boêmia” começa a perder-se. Assistimos o crescimento de comportamentos hostis e, com isso, o estabelecimento rigoroso e constante de sanções efetivas. A severidade dos textos é exemplar em sua coerência: esta é geral, não apenas na França. As políticas conduzidas contra as “*mesnages boêmias*” adotadas pelo poder Real na França e, em seguida, pelos regimes republicanos nos

séculos XIX e XX traduzem-se em medidas de discriminação e perseguição. Estas respondem ao seguinte tripé: exclusão (banimento), reclusão (prisão, deportação às colônias - espanholas, portuguesas -, envio às galés, internação), inclusão (visando a normatização e a assimilação).

Diversas etapas características destas discriminações e perseguições devem ser aqui mencionadas:

- A Declaração de julho de 1682 do rei Luís XIV e de Colbert contra “os Boêmios e aqueles que os acolhem”;
- A grade prisão em massa em julho de 1749 os Ciganos da Espanha;
- A prisão dos Boêmios do País Basco no Consulado (1802);
- A proibição e permanência dos Ciganos (chamados “*Heiden*”, o que significa “incrédulos”) na Holanda, a partir do final do século XVIII, sob pena de decapitação (cartazes instalados nas fronteiras);
- O recenseamento dos Boêmios em território francês em março de 1895;
- Projeto de uma convenção internacional estabelecido em 1909 pela Suíça, em vista da criação de uma polícia criminal europeia, proposta aos países vizinhos (França, Itália, Alemanha, Áustria-Hungria) para um “saneamento completo do problema cigano” (*einer gründlichen Sanierung des Zigeunerwesens*) a fim de lutar contra a circulação transfronteiriça dos Ciganos estrangeiros.
- A lei de 16 de julho de 1912 sobre a regulamentação dos “Nômades” que impõe o porte obrigatório da carta antropométrica de identidade (a partir dos 13 anos) e a carta coletiva. Legislação aplicada até 1970, e substituída pela carta de circulação. O objetivo era a sedentarização.
- Internação dos “*Romanichels* da Alsácia-Lorena » durante a Grande Guerra.
- Prisão domiciliar durante o fim da Terceira República, seguida da internação (de 1940 a 1946) de “famílias nômades” em grande número e majoritariamente francesas, decretada pela ocupação alemã e administrada pelo Estado de Vichy, durante a Segunda Guerra Mundial.
- Perseguição e genocídios dos Ciganos na Europa (países bálticos, União Soviética, Alemanha, Áustria, territórios do Grande Reich) pelos nazistas.
- Condições terríveis infligidas aos *Roms* da Croácia pelos Ustachis (partido fascista da Croácia) em Jasenovac na região de Transnístria (território que se tornou romeno), cedida pela Alemanha à Hungria.
- O estatuto dos “viajantes” após 1970: continuidade de uma lógica policial e administrativa de controle e monitoramento.

Convém evocar, em relação a estas políticas repressivas, as táticas individuais e coletivas de resistência colocadas em prática pelos grupos ciganos: práticas inventivas que se aproveitam das circunstâncias e da ocasião, no sentido entendido por Michel de Certeau: “gestos hábeis do “fraco” na ordem estabelecida pelo “forte”, arte de golpear no campo do outro, astúcia de caçadores, mobilidades nas manobras, operações polimórficas, achados jubilosos, poéticos e bélicos” (cf. *L’Invention du quotidien, I, arts de faire, 1980*). Uma escritura da oralidade: cartas de

internos ciganos enviadas a diversas autoridades durante as duas guerras mundiais. Testemunhos de *Manouches* (grupos de Ciganos franceses, de origem alsaciana e alemã), mulheres e homens, recolhidos em meus encontros com as famílias.

Outro aspecto concernente ao destino dos Ciganos: a negação da sua memória e das suas manifestações. Um reconhecimento tardio da Alemanha, pela chanceler Angela Merkel (Memorial de Berlin, dedicado em 2021 às vítimas do nazismo em Sinti e Roma) e a República Francesa, com o chefe de Estado François Hollande (2016).

### Olhares históricos sobre a língua romani

Minha intenção inicial era estudar a maneira como a entrada “Bohêmia”, a luz de sua definição/descrição apresentada nos dicionários e enciclopédias (séculos XVII-XIX), dá lugar a significações e montagens ideológicas produzidas não somente pelas palavras empregadas, mas pela combinação e variação de certas sequências de enunciados. Assim, a citação de um texto-fonte, retirado do *Journal d'un Bourgeois de Paris*, que conta a chegada de famílias ciganas em 1427 à Paris, *Porte de la Chapelle*, ao qual Antoine Furetière se refere, após a proposição definitiva, assinalando ao olhar desta última um distanciamento do locutor lexicográfico (“*o que se diz de [sublinhado por nós] certos míseros, errantes, vagabundos e libertinos...*”). O autor se refere ao uso social da definição em seu artigo matriz do *Dictionnaire Universel* de 1690 e que será retomado, aparentemente, pelos dicionários seguintes, na medida em que as transformações operadas induzem a uma lógica significante diferente, quase inversa (eu retorno ao tema da fábrica do sentido em relação a certas construções e variações enunciativas do dizer, uma ideia postulada pelo linguista Michel Pêcheux).

Por falta de tempo, prefiro me manter na abordagem de diferentes discursos veiculados na França, mas não exclusivamente, sobre a língua cigana, o *romani/romanés*.

Tudo poderia ser resumido, ou quase, ao paradoxo central em torno do qual se articula, na sociedade francesa, o status cultural atribuído às minorias ciganas: sua língua, o romani, constitui uma das mais antigas “línguas da França”, mas esta não é reconhecida como tal e hoje sofre, ao contrário, com algumas exceções de um não-reconhecimento oficial. Por motivos de ordem histórica e ideológica, indissociáveis ao tratamento político adotado em relação ao “nomadismo”, a língua cigana (*romani čib*) foi frequentemente objeto de desconfiança, de desprezo e reduzida, uma vez que via-se confinada a seus locutores às margens do espaço social, ao silêncio.

“O idioma boêmio” suscita, entretanto, no século XVI, o interesse de humanistas e filólogos. Como atesta-o, entre outros, o vocabulário cigano-latino do intelectual francês Joseph Scaliger, estendido no início do século XVIII por Mathurin de la Croze, erudito convertido ao protestantismo, a quem devemos o pequeno dicionário latin-cigano de cento e onze palavras, coletadas ao longo de sua estadia na Prússia, durante a prisão de Spandau, onde encontram-se detidos muitos Ciganos (*Cigani*). Conjuntamente, em favor dos discursos suscitados pela questão das línguas indo-europeias na Europa cosmopolita das Luzes e no início do século XIX, filólogos e historiadores debruçam-se sobre o problema da origem dos Ciganos. Um húngaro, Stephan Valyi, conhece três estudantes indianos de Malabar. Ele se surpreende com as similitudes entre sua língua e aquelas dos *Roms* húngaros. Partindo desses primeiros elementos de pesquisas linguísticas, l'Anglais Bryant et l'Allemand Rüdiger, sustentarão a tese da origem indiana do romani, de sua filiação (prestigiosa) com o sânscrito e as línguas falas ao noroeste da

Índia. Alguns anos depois, em 1783, Heinrich Grellmann divulga esta tese a um grande público. Estes trabalhos se prolongam, na segunda metade do século XIX, após August Friedrich Pott, especialista em línguas indo-arianas, graças a um outro grande indianista, o italiano (de língua alemã) Ascoli, e o filólogo austríaco Miklosich, que conseguem demonstrar a filiação do *bohemian* com o sânscrito e os idiomas populares do norte da Índia. Salientamos ainda o estudo sobre a gramática cigana publicada em Budapeste, em 1888, pelo arquiduque Joseph de Habsbourg, *Cigány nyelotan*.

Sabemos que uma reviravolta acontecerá na Alemanha a partir do final do século XIX - país onde a cidadania sempre repousou sobre a lei do *jus sanguinis* (direito de sangue) puro, ao contrário da cidadania francesa, definida em 1888 pela lei do *jus soli* (direito de solo). A saber, a afirmação de uma hierarquia de raças baseada no sangue que se opõe nos debates políticos à ideia de uma herança linguística comum dos povos da Europa. Uma ruptura desastrosa que levará a ideologia nazista a estabelecer uma separação entre as chamadas raças superiores e categorias da população que não merecem viver, incluindo judeus, ciganos Métis (*Zigeunermischlinge*), deficientes mentais, homossexuais.

A língua não pode ser pensada independente da organização política que a atravessa, enquanto efeito inter e intradiscursivo, no âmbito da qual a ciência se vê impelida a dar seu apoio. É aqui, neste domínio, no entrelaçar da política e da ciência linguística, que se desenrola uma inversão de atitude que afetará negativamente o lugar atribuído à língua cigana.

Não apenas as pesquisas sobre o romani e o bilinguismo das famílias manouches francesas, empreendidos durante os anos 1980 pelos antropólogos Jean-Luc Poueyto e Patrick Williams, ou então o abade Joseph Valet, em seu fecundo trabalho de retranscrição e tradução de contos manouches, publicados em particular na revista *Études tsiganes*, criadas em Paris em 1955; mas também as investigações de Paul Bataillard e de François de Vaux de Folotier, ambos chartistas (École National des Chartes); assim como o principal relatório do linguista Bernard Cerquiglini, *Les langues de la France*, entregue em abril de 1999 ao ministro da Educação, da Pesquisa e da Tecnologia e à ministra da Cultura e da Comunicação, que não se omite a citar, como língua dos Ciganos, representada na França, “*les dialectes sinti, vlax et caló*”, reforçam a contatação do caráter de invisibilidade e represália que reveste a língua romani.

Para estar convencido disso, basta examinar os materiais que foram listados como tesouros linguísticos entre a Revolução Francesa e o século XX: Enquête (1790, 1793-1794) do abade Grégoire sobre os dialetos (ditos “patuás”), Questionnaire de l’Académie celtique (1807, 1806-1812) - ao contrário da obra em alemão de porte enciclopédico, o *Mithridates*, editado por Adelung e depois por Vater a partir de 1806, o qual comporta um repertório de 500 línguas, incluindo-se a versão do “Pai Nosso” do Evangelho segundo Mateus, em que figura uma versão cigana -, *Instructions du Comité de la langue, de l’histoire et des arts de la France* (1853), sob cuidados de Jean-Jacques Ampère, *Histoire monumentale de la langue française* (1900, 1905-1953) de Ferdinand Brunot, Atlas linguísticos da França (1902-1923), o expressivo *Traité de folklore français contemporain* (t. 1, *Du berceau à la tombe*, 1944-1946), do etnógrafo Arnold Van Gennep, que não menciona uma única vez os Ciganos, através do elementos do vocabulário romani ligado às crenças e ritos que prevalecem entre os Manouches; Atlas linguísticos e etnográficos da França por região editado a partir de meados dos anos 1950 pelo Centro nacional de pesquisa científica (CNRS), Conselhos Regionais, habilitados a atribuir auxílios financeiros às línguas históricas das regiões, rejeição pelo Estado (Conseil Constitutionnel) da Carta europeia das línguas regionais ou minoritárias redigida em 1992, baseada sobre o princípio do “reconhecimento das línguas regionais ou minoritárias como expressão da riqueza cultural” e a “necessidade de uma ação firme de promoção das línguas regionais ou minoritárias, a fim de as salvar”,

conservação de *corpus* por meio de pesquisas de pesquisadores dando origem a gravações (histórias de vida, memória de experiências vividas, técnicas e *savoir-faire*, pesquisas linguísticas, entrevistas diversas e, em menor medida, canções e peças musicais tradicionais), doado ao Departamento de Audiovisual (do Arquivo Nacional de Som) da Biblioteca Nacional da França (BNF), tendo como corolário o depósito em poder do Museu da fala e do gesto a este mesmo BNF, ou seja, 1.400 fonogramas em forma de fitas magnéticas, ou o Atlas Sonoro produzido e postado online em junho de 2017 por vários pesquisadores, incluindo a fábula de Esopo, *La bise et le soleil*, foi traduzido em 126 versões diferentes de idiomas regionais da França, incluindo departamentos no exterior, com exceção de Romani, etc.

A avaliação acaba por ser bastante explícita: nenhum destes conhecimentos e instituições confere qualquer existência ou reconhecimento à língua Romani/Romana. Obviamente, as línguas dessas "pessoas" não importam. Só na França o Instituto Nacional de Línguas Orientais (INALCO) e a Revista dos Estudos Ciganos se preocupam em torná-lo conhecido, tanto estudando-o, acolhendo as palavras dos seus falantes, como relatando a originalidade das suas variantes e usos.

### Articulações: o que dizem as imagens

Nossa intervenção termina com a projeção de cerca de sessenta imagens. As quais se articulam com as problemáticas que tentamos abordar. Esta se divide em duas partes distintas. Algumas imagens do primeiro quadro poderão estar sobrepostas, misturadas umas com outras do segundo, formando assim figurações invertidas. De modo que a lógica subjacente que se constrói neste dispositivo irá salientar ainda mais, com as nuances entre os dois pólos, uma coincidência dos opostos (*coincidentia oppositorum*).

Os componentes aqui reunidos, do conjunto iconológico, utilizam materialidades significantes diversas: quadros, tapisseries, desenhos, imprensa, arquivos, textos, fotografias, espetáculos, objetos da vida cotidiana, etc. Se conotam estereótipos negativos ou positivos, estas imagens são portadoras de significações múltiplas, e que permitem conhecer melhor (e desconstruir ficções dispensáveis) o verdadeiro (*vrai*) e o real (*réel*), o *vréel* da presença cigana na França e Europa. Entre outras, que essas minorias designam uma realidade histórica e sociocultural (antiga) da sociedade francesa, de seu imaginário coletivo. Outra maneira de pensar que os "viajantes" são parte integrante da nossa história, passado e presente, que eles são uma parte de nossa própria alteridade, aquelas através das quais se pode ver e compreender a riqueza tanto quanto a violência e a crueldade do mundo do qual foram objeto - sua beleza/sua inumanidade - e a variedade dos seres humanos. É, portanto, importante que o lugar dos Ciganos seja preservado e valorizado como um bem precioso, inerente às comunidades nacionais, enquanto filiação política, cívica e social delas, mas também específico de cada um dos países europeus.

### Referências

ASSEO, H. Le principe de circulation et l'échec de la mythologie transeuropéenne. *Revue de Synthèse*, t. 123, *Circulation et cosmopolitisme en Europe*, 2002, pp. 86-110.

- ASSEO, H. *Les Tsiganes. Une destinée européenne*. Paris : Gallimard, « Découvertes », 1993.
- DE CERTEAU, M. ; JULIARD, D. ; REVEL, J. *Une politique de la langue*. Paris : Gallimard, 1975.
- DE CERTEAU, M. *L'Invention du quotidien, I, arts de faire [1980]*. Paris: Gallimard, « Folio Essais », 1992.
- FURETIERE, A. *Dictionnaire françois, contenant les mots et les choses... 2 vol.*, Genève : chez Jean Herman Wderhold ; rééd., Genève : Slatkine Reprints, 1994.
- FILHOL, E. A percepção da língua cigana na França, Tradução: Eni Puccinelli Orlandi, *Linguas. Instrumentos Lingüísticos*, Julho-Dezembro 2007, n° 20, pp. 57-68.
- FILHOL, E.; HUBERT, M-C. *Les Tsiganes en France. Un sort à part. 1939-1946*, Préface par Henriette Asséo. Paris: Perrin, 2009.
- FILHOL, E. *Le Contrôle des Tsiganes en France, 1912-1969*. Paris: Karthala, 2013.
- FRAZER, A. *The Gypsies*. Oxford UK & Cambridge USA: Blackwell, 1992.
- PECHEUX, M. *L'Inquiétude du Discours*. Textes de Michel Pêcheux, choisis et présentés par Denise Maldinier, Paris: Éditions des Cendres, 1990.
- SUTRE, A. *Géopolitique des Tsiganes. Des façons d'être au monde entre circulations et ancrages*. Paris: Le Cavalier Bleu, 2021.
- VALET, J. *Contes Manouches*. Clermont-Ferrand: chez l'auteur, 1988.
- DE FOLETIER, F de V. *Les Tsiganes dans l'Ancienne France*. Paris: Société d'Édition Géographique et Touristique, 1962.
- WILLIAMS, P. *Nous, on en parle pas. Les vivants et les morts chez les Manouches*. Paris: Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme, Paris, 1993.
- WILLIAMS, P. Langue tsigane. Le jeu romanes. *Études Tsiganes*, nouvelle série, n° 16, 2003, *Langue et culture/1 : pratiques langagières*, pp. 11-41.
- WILLIAMS, P. Langue tsigane : romani/romanes. In: CERQUIGLINI, B. *Les langues de France*. Textes rassemblés par M. Alessio et J. Sibille. Publié avec le concours du ministère de la Culture et de la Communication, Délégation générale à la langue française et aux langues de France. Paris: Presses universitaires de France, 2003, pp. 243-248.
- ZIMMERMANN, M. *Rassenutopie und Genozid: Die nationalsozialistische « Lösung der Zigeunerfrage »*. Hamburg: Christians, 1996.